

audaciosa, dada à pergunta não menos audaciosa acêrca da pequenez dêstes nossos avoengos pela observação dos instrumentos¹.

Pelo contrário, se se compararem as dimensões dêstes com as dos mais *coups-de-poing* do Casal do Monte, vê-se nestas três peças instrumentos, por assim dizer, anormais em comparação a todos os outros que são muito pequenos.

Lisboa 1912.

JOAQUIM FONTES.

Legendas religiosas das moedas portuguesas

(Dissertação apresentada na cadeira de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa em Maio de 1911)

Duas palavras sôbre o plano desta dissertação

Ao apresentarmos esta dissertação, de que fomos incumbidos pelo nosso Professor, não nos assoberba a pretensão de termos levado a cabo um trabalho completo ou perfeito; falta-nos para isso competência, pois somos novatos em Numismática, e escasseou-nos o tempo para mais profunda labuta.

A presente memória não é mais do que o ensaio duma obra que outros mais competentes do que nós profundarão, completando-a. Fizemos o arroteamento, desbravámos, preparámos o terreno; virá quem scientificamente o agriculte.

Em colecções que nos foi dado visitar, e em diversas obras que nos serviram de consulta, encontrámos a matéria para o nosso trabalho. Para a expor, adoptámos o método cronológico, numerando as legendas e ordenando-as sucessivamente; conforme os reinados em que primeiro surgiram. Indicamos depois as fontes donde emanam, e a sua tradução. Em seguida apresentamos algumas breves considerações que o seu contexto nos sugeriu e, finalmente, fazemos uma rápida citação das moedas em que essas legendas se encontram, indicando para cada moeda uma obra, pelo menos, onde ela venha mencionada, servindo-nos na maioria dos casos de Aragão², não que lhe demos preferência a qualquer outro trabalho da especialidade, mas por ser aquele que mais fácilmente se encontrará à mão dos curiosos.

¹ *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, na revista *Materiais*, vol. I, p. 42.

² *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, por A. Teixeira de Aragão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.

As colecções de moedas portuguezas que visitámos foram as seguintes:

a da Biblioteca Nacional de Lisboa;

a do Museu Etnológico Português — Belém¹;

e, na Junqueira, a do nosso amigo Dr. Artur Lamas, que obsequiosamente no-la franqueou.

As diversas obras que nos serviram de consulta vem mencionadas na bibliografia apensa.

As legendas de que tratamos são todas escritas em latim e encontram-se, em geral, no reverso das moedas. As de texto muito extenso occupam às vezes dois círculos concêntricos na orla e corpo das moedas; outras vezes vem truncadas, incompletas; muitas se encontram com grandes variantes nas truncaturas e na grafia, o que por vezes se torna incompreensível. É evidente que neste trabalho não podemos citar todas essas alterações, pois que, sendo numerosíssimas em cada uma das legendas, o mencioná-las tornaria a nossa dissertação mais curiosa, por certo, mas demasiado extensa.

As legendas são na maior parte extraídas dos textos sagrados, muitas delas dos psalmos²; de outras de carácter indubitavelmente litúrgico não conseguimos descobrir as fontes³. Há-as também compostas de títulos honoríficos⁴, divisas⁵, etc.⁶, que em seu lugar mencionamos. Todas traduzem o espirito religioso daquelas épocas, desde o nosso surgir até a culminância da nossa grandeza.

Para a versão dos textos sagrados servimo-nos das formas que encontrámos na Biblia⁷, tradução em português por António Pereira de Figueiredo, obra aprovada pelo Ex.^{mo} Cardeal Patriarca de Lisboa e examinada pelo erudito cónego Sena Freitas; para as restantes versões lançámos mão das nossas reminiscências de humanidades, e sem dó e com justiça attribuí, leitores, à nossa ignorância os erros que vos pareçam filhos de enganos.

Não reproduziremos aqui as considerações que apresentamos nos capítulos que successivamente se referem a cada uma das legendas.

¹ As moedas existentes neste Museu foram, até a quarta dinastia, por nós inventariadas, catalogadas e arrumadas, por encargo que nos deu o Director do mesmo.

² Vide legendas n.ºs 2, 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 13.

³ Vide legendas n.ºs 5, 6, 10, 14, 17.

⁴ Vide legenda n.º 16.

⁵ Vide legenda n.º 15.

⁶ Vide legendas n.ºs 1, 7, 18.

⁷ Vide *Bibliografia* apensa.

Diremos porêem que nas moedas espanholas, onde a variedade de legendas religiosas é maior do que entre nós ¹, algumas se encontram iguais às nossas, e são coetâneamente:

a legenda n.º 1 nos reinados de Afonso IX e Fernando II, reis de Leão;

a legenda n.º 3 nos reinados de Pedro I, Henrique II e Henrique III, reis de Castela;

a legenda n.º 10 no reinado de Henrique IV ², rei de Castela.

A legenda n.º 8, que se encontra nas nossas moedas do reinado de El-Rei D. Fernando (1367-1383), é, séculos depois, empregada por Filipe V de Espanha (1700-1746) nas moedas que mandou cunhar.

Terminada esta pequena introdução, avisaremos que as abreviações convencionais com que citamos as diversas obras a que nos referimos se explicam na *Bibliografia* apensa.

1.ª legenda

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen. *Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Assim seja.*

Era costume entre os cristãos, desde os primeiros tempos do cristianismo, encetar todos os actos e documentos por meio duma invocação religiosa. Sendo o dogma da Trindade, até o sec. VII, objecto de inúmeras discussões, essa invocação passou a ser de preferênciam uma profissão de fé na «SS. Trindade» e geralmente sob a forma «In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen». Desde essas épocas, é esta a invocação de que se servem os católicos quando se benzem ou quando abençoam. Ainda em nossos dias não são raros os fiéis cujo testamento começa por essas palavras, que constituíam o «incipit» de numerosos documentos medievais; dá-se a coincidência de ser com elas que encetámos também o nosso trabalho, pois que, segundo o método cronológico que adoptámos, compõem a legenda religiosa mais antiga, a primeira de que temos conhecimento, nas moedas de Portugal.

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Sancho I: in morabitino de ouro.

¹ Vide *Moedas hispano-cristianas*, de Heiss.

² «... se grave nas moedas a legenda *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat* ou o que dela se extraia» (ordenamento de D. Henrique IV de Castela, feito em Segóvia em 18-V-1471):—Heiss, p. 83.

Variantes de que tivemos conhecimento:

- ✠ IN NE PTRIS I FILII SPS SCIA (A. 1.—Santos-Schulman 3).
- ✠ IN NE PTRIS'N FILIA SPS SCI (Meili-Schulman 4).
- ✠ IN NE PTRIS'I FILN SPS SCI (Meili-Schulman 3).

2.ª legenda

Adjutorium nostrum in nomine Domini, qui fecit coelum et terram. *Nosso soccorro está no nome do Senhor que fez o ceo e a terra.*

Psalmo cxxiii, v. 8.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda nos reinados de:

D. Dinis: in *tornês* de prata. O psalmo, escrito por extenso, ocupa dois círculos concêntricos (A. 1). Contudo notarei que há dúvidas a respeito da autenticidade ou da atribuição desta moeda.

D. João I: in *rial* de prata e de bilhão. Aparece o psalmo, nunca por extenso, ora incompleto, truncado, ocupando um ou dois círculos concêntricos (*passim*), ora apenas lembrado por uma única palavra, como por exemplo AD-IVT-ORI-VN (A 32) ou TER-AN (Santos-Schulman 163). A parte do psalmo «in nomine Domini» só vem gravada, nas moedas dêste reinado, num *rial* de bilhão.

D. Duarte: in *rial branco* de bilhão (A 4, Meili-Schulman 141), *rial grosso* (A 6, Meili-Schulman 146), *meio rial grosso* ou *chinfram* de prata (A 9, Meili-Schulman 148), *espadim* (A 14), *cotrim* de bilhão (A 17), *ceitil* (A 25-30), *rial preto* de cobre (A 31, 32, 33). Aparece o psalmo, nunca por extenso, mas sim incompleto, acabando às vezes em uma palavra truncada, e outras vezes, nos espadins e cotrins, completamente estropiado com falta e troca de letras; por exemplo, entre outros:

+ VIVTORIVA : NON : DIFECIT (A 13).

+ AIVTO : RES : NOS : CVI FECI (A 14).

3.ª legenda

In te Domine speravi... *Em ti senhor esperei...*

Ps. xxx, v. 2.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Afonso IV: in ensaio de cobre de uma moeda de ouro (Meili-Schulman 511).

4.ª legenda

Dominus mihi adjutor et ego despiciam inimicos meos.

Ps. c. xvii, v. 7.

O Senhor é o meu amparo: e eu desprezarei aos meus inimigos.

(Trad. de Figueiredo).

.. e havia letras em de redor em latim que em lingoagem diziam: «Deus ajuday-me e fazey-me excellente vencedor sobre meus inimigos».

(Crónica de D. Pedro I, Fernão Lopes, ed. de Pereira Bayam, cap. xiii, p. 68).

Dios ajudad-me, i hazedme vencedor excelente sobre mis contrarios.

(Manuel de Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*, cap. xi, tomo iii, parte iv).

Encontra-se esta legenda nos reinados de:

D. Pedro I: in dobra de ouro (*Crónica de D. Pedro*, ed. de Bayam, p. 68) e tornês de prata. O psalmo escrito por extenso em dois círculos concêntricos (A, t. 1, p. 175; Heiss, p. 61).

D. Fernando: in tornês e barbudas de bilhão. Ora por extenso (in tornês, A 10) às vezes reduzida e modificada. Ora incompleta e troncada (in barbuda, A 18), ora acrescentada (in tornês, A 41, onde se lê ✠ DOMINUS : MICHI : AIVTOR : ET : EGO : DESPIC : — IAM : INIMICOS : MEOS : BONVS : em dois círculos concêntricos. Começa a legenda no círculo exterior, e em seguida a uma cruz, pela palavra «Dominus», e até «despic» ocupa êsse círculo todo; continua no interior por «iam», e termina em «bonus». — Curiosa fantasia! Esta legenda aparece também modificada da seguinte maneira:

✠ DOMINVS * REX * AIVTOR * ET (in meio tornês de bilhão A 49).

D. Filipe II: in rial de ouro cunhado pelo ducado de Brabante (Meili-Schulman 525).

Ainda se encontra mais esta legenda na moeda de:

D. Beatriz: infanta de Portugal, rainha de Castela, filha de el-rei D. Fernando de Portugal e esposa de D. João I, rei de Castela, in moeda de prata. Em dois círculos concêntricos se acha escrito: — DOMINVS : MICHI : ADIVTOR : ED : EGO : DISPICIAM : INIMICVS : DOMINVS : MI. — Esta «reprise» do *Dominus mihi* parece ter sido feita para ocupar

o resto do círculo interior, abonando esta suposição o estar o pronome aqui escrito MI, ao passo que no comêço está escrito MICHI (A, tomo I, p. 195).

5.ª legenda

Per cruce[m] tuam salva nos, Chris- *Pela tua cruz salva-nos, oh Cristo*
te Redemptor. *Redemptor.*

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Pedro I: in *dobra* de ouro (*Not. de Portugal*, disc. IV, § 25; Aragão diz ser provávelmente «contrefacção» o ensaio de cobre que existe em Copenhague (tomo I, p. 175). A legenda está assim escrita: ☩ PER CRUCEM • TVAM • SALVA • NOS ✕ RE • REDEMT.

6.ª legenda

a) Christe, salva nos per cruce[m]. *Cristo salva-nos pela cruz.*

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Duarte: in *rial* de prata (Meili-Schulman, 134). A legenda está assim escrita: + CRISTES • SALVA NOS + CRUZ.

b) Jesu Christe, salva nos per cruce[m]. *Jesus Cristo, salva-nos pela cruz.*

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Duarte: in *escudo* de ouro (A 1). A legenda está assim escrita: ✕ JESUS ∃ CRISTE ∃ SALVA ∃ NOS ∃ CRUZ.

7.ª legenda

Dominus mihi adjutor: non timebo *O senhor é que me ajuda: não te-*
quid faciat mihi homo. *merei o que me possa fazer o*
homem.

Ps. CXVII, v. 6.
Hebr. XIII, a 6.

(Trad. de Figueiredo).

O senhor é o meu amparo: não te-
merei o que me possa fazer o
homem.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Fernando: in *rial* de prata. Às vezes o psalmo, escrito por extenso em dois círculos concêntricos, começa pela conjunção SI e ter-

escrita: ✠ XPS : . . . NCIT : XPS : INPERA. — Na invocação dos documentos da idade média é vulgar encontrar-se o nome de Cristo escrito em grego e muitas vezes escrito com a abreviatura XPS (Giry, *Manuel diplomatique*, p. 502).

11.ª legenda

Avertantur retrorsum et confundantur cogitantes mihi mala. *Voltem atrás e sejam confundidos os que meditam contra mim.*

Ps. xxxiv, v. 4.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Afonso V: in *rial branco*; a legenda escrita em dois círculos concêntricos (Santos-Schulman 592).

12.ª legenda

Justus ut palma florebit. . . *O justo como palma florescerá. . .*

Ps. xci, v. 3.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. João II: in *justo* de ouro (A 3 e 4).

13.ª legenda

Dominus protector vitae meae, a quo trepidabo? *O Senhor é o defensor da minha vida: de que tremerei?*

Ps. xxvi, v. 1.

(Trad. de Figueiredo).

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. João II: in *espadim* de ouro (Garcia de Resende, *Vida e feitos de D. João II*, cap. lvi).

14.ª legenda

a) In Christo crucifixo nostra salus. *Em Cristo crucificado está a nossa salvação.*

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. Manuel I: in *português* de ouro, de que existe um modelo, de chumbo, na Biblioteca Nacional de Lisboa (A 1).

- b) In Christo crucifixo pendet *De Cristo crucificado pende a nos-*
 salus nostra. *sa salvação.*

Encontra-se esta legenda no reinado de:

D. João III: in portugalöser da cidade de Hamburgo, pêso e título do português de ouro de D. João III. A legenda acha-se assim escrita: IN XPO CRUCIFIXO PENDET SALUS NRA (Meili-Schulman, 522).

15.ª Legenda

In hoc signo vinces.

Com este sinal vencerás.

Diz a lenda, e firma-o Eusébio de Cesréa, escritor coevo, na 2.ª parte da sua *Crónica*, que ao imperador Constantino, o Grande, quando ia travar batalha contra Maxêncio, apareceu no Céu, como bom preságio, uma cruz luminosa sob a qual se liam as palavras: «In hoc signo vinces». Em nenhum outro monumento do tempo encontramos êsse facto memorado, mas sabemos que Constantino mandou colocar esta inscrição sob a cruz no lâbaro ou estandarte imperial, quando o Cristianismo foi declarado definitivamente religião oficial do Império. É o aparecimento dessa cruz luminosa ao Imperador, momentos antes da batalha, o assunto de uma bela pintura de Júlio Romano, o discípulo dilecto de Rafael, na sala de Constantino, no Vaticano. Foi depois esta a divisa da Inquisição¹, e o nosso rei D. João III a adoptou como empresa².

Desde o reinado de D. Manuel I até o de D. Maria II, inclusive, pode-se dizer de modo quasi geral que se encontra esta legenda no reverso das moedas cujo campo seja occupado pela cruz.—No reinado de D. João V cunharam-se com esta legenda moedas de ouro em que o campo era occupado pelas armas do reino; depois, em 1723, houve ordem para nas cunhagens futuras se suprimir a legenda, por imprópria, sempre que o campo da moeda não fôsse occupado pela cruz³.—No reinado de D. Carlos I reaparece a legenda, como evocação histórica, nas moedas de 15000 réis, 500 réis, e 200 réis de prata, comemorativas do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo das Índias.

¹ Aragão, tomo I, p. 260.

² D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica*, tomo III, p. 542.

³ Aragão, tomo II, p. 83.

Especializando, diremos que se encontra esta legenda nos reinados de:

D. Manuel: in *português* (A 2), $\frac{1}{2}$ *português* (A 3), *cruzado* (A 4), e *meio cruzado* de ouro (A 5), in *tostão* de prata (A *passim*).

D. João III: in *português* (A 1), *cruzado* (A 4), *cruzado calvário* de ouro (A 6), *tostão* (A *passim*), $\frac{1}{2}$ *tostão* (A 43), e *rial* de prata (A *passim*).

D. Sebastião: in *moeda de 500 riais* (A 7), *engenheiro* de ouro (A 9), *tostão* (A *passim*), $\frac{1}{2}$ *tostão* (A *passim*), *rial português dobrado* de prata (A 21).

D. Henrique: in *todas* as moedas, *menos* nas de cobre, pelos motivos explicados.

D. António, prior do Crato, in *todas* as moedas de ouro e prata, *menos* no vintêm de prata (A 4); e, nas de cobre, *apenas* se encontra na de quatro vintêns (A 11), pelos motivos expostos.

D. Filipe I: in *todas* as moedas de ouro e prata, *menos* no vintêm de prata (A 10).

D. Filipe II: in *todas* as moedas de ouro e prata, *menos* no vintêm de prata (A 11).

D. Filipe III: não se distinguem as moedas dêste reinado das do anterior.

D. João IV: in *todas* as moedas de ouro e prata, *menos* na da Conceição (A 13).

D. Afonso VI: in *todas* as moedas de ouro e prata, havendo porêem vintêns e dez réis de prata, uns com esta legenda, e outros não, conforme o campo é ou não ocupado pela cruz.

D. Pedro II: in *todas* as moedas de ouro e prata.

D. João V: in *todas* as moedas de ouro e prata, *excepto* algumas dobras e escudos de ouro, todos os $\frac{1}{2}$ escudos e cruzadinhos de ouro, e os vintêns de prata.

D. José I: in *todas* as moedas de ouro e prata, *menos* em alguns escudos e $\frac{1}{2}$ escudos de ouro, em que o campo é ocupado pelas armas do reino.

D. Maria I: in *cruzado* e *quartinho* de ouro, quando o campo é ocupado pela cruz; in *todas* as moedas de prata.

D. João VI: in *cruzado novo*, e *quartinho* de ouro; in *todas* as de prata, *menos* nos cruzados novos e seis vintêns, pelas razões expostas.

D. Pedro IV: in *todas* as moedas de prata.

D. Miguel: in *todas* as moedas de prata.

D. Maria II: in *cruzado novo* de prata.

D. Carlos I: in moedas de 15000 réis, 500 réis e 200 réis, de prata, comemorativas do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo das Índias,—como já fica dito acima.

Tambem se empregou a mesma legenda em todas as moedas cunhadas pelos *Governadores do Reino* em 1580.

Trabalho meritório, referente à legenda que nos ocupa, seria a relação completa de todas as variantes de grafia com que ela aparece nas moedas dos diferentes reinados. Não dispusemos de tempo para o fazer com grande profundidade, nem tal trabalho é propriamente da índole desta dissertação; entretanto apresentamos algumas das variantes de que tomámos nota. Devemos notar que, desde o começo do reinado de D. Pedro II, a legenda está sempre escrita sem abreviaturas e sem erros. Citaremos também um tostão dos Filipes¹, em que a legenda vem escrita, contra o usual, da esquerda para a direita, descendo.

Variantes no reinado de:

D. Manuel:

INI—tostão (A 9).

SINO—tostão (A 7), SVIGNO—tostão (A 8).

VENCIEES—tostão (A 8), VENCIEESS (Meili-Schulman 217).

VENCIEES—tostão (Santos-Schulman, 715), VINCEES—português (A 2).

VINCESS—tostão (Araujo-Schulman, 197).

D. João III:

IN HOCE CIGNO V—cruzado de ouro (Meili-Schulman 275).

IGN—cruzado (A 5).

SI AWGO—cruzado (A 4), SINO—rial de prata (A 35).

VENCIIS—meio tostão (Meili-Schulman 285).

VINCE—tostão (A 16).

VINCEES—tostão (A 14).

D. Sebastião:

ICES—engenhoso (A 9), VICES—engenhoso (A 10), VICES—moeda de 500 riais (A 11).

D. Antonio, prior do Crato:

SH ° GN VICES—cruzado (A 6).

INCES— $\frac{1}{2}$ tostão (A 3).

¹ Existe na coleção do Museu Etnológico Português, e tem o n.º 144 do inventário que fizemos.

Filipe I:

HOCC—moeda de 500 riais (A 1).

VINCIES—quatro cruzados (Meili-Schulman 481).

D. João IV:

VICES— $\frac{1}{2}$ tostão (A 10).

D. Afonso VI:

IN HO • S... VINCS.

VINGES—vintêm (A 23).

16.ª legenda

Usque ad mortem zelator fidei. *Defensor da fé até á morte.*

Título usado por el-rei D. João III e que lhe foi dado pelo papa Paulo III, para corresponder ao «zêlo» e instância com que êle pediu o estabelecimento do Tribunal da Inquisição para o seu reino ¹.

Como título hereditário usou também dêle D. Sebastião em algumas moedas que mandou lavrar.

Encontra-se esta moeda nos reinados de:

D. João III: in *sanvicente* (A 7), $\frac{1}{2}$ *sanvicente* de ouro (A 8 e 9).

D. Sebastião: in *sanvicente* de ouro (A *passim*).

17.ª legenda

Spero in Deo. *Espero em Deus.*

Esta legenda traduz bem o sentir daquele rei patriota e infeliz que, perdida a confiança nos homens, pelo pequeno número dos que o acompanhavam, só de Deus esperava o bom êxito da sua arriscada empresa.

Encontra-se no reverso da moeda de *dois riais*, de cobre, de D. António, prior do Crato. O campo é ocupado pela esfera armilar, estando escrita sobre a faixa zodiacal a palavra SPERO.

A legenda é constituída por IN DEO.

18.ª legenda

Sit nomen Domini benedictum. *Bemdito seja o nome do Senhor.*

Job I, v. 21.

Trad. de Figueiredo.

Encontra-se esta legenda numa moeda de prata cunhada em tempo de *D. António*, prior de Crato, (J. J. Becker, tomo II, p. 62, n.º 1209, e A, tomo I, p. 305).

¹ Severim de Faria, *Notícias de Portugal*, disc. iv, § 32.

Tendo cegado com as prolongadas vigílias, consumido a própria vida com o excesso da fadiga, esgotado tudo, menos a paciência,—era de uso o sábio beneditino, ao terminar o grosso *in-fólio*, escrita a palavra *Finis*, acrescentar ainda, como preito de louvor, a jaculatória: *Laus Deo*. Quis o acaso, que, se êste trabalho, que é puramente histórico, e por isso de carácter inteiramente profano, começou, por causa da cronologia, com uma invocação religiosa, findasse com outra, correspondente no sentido à cláusula do beneditino.

Apenso

Dei gratia.

Pela graça de Deus.

Hesitámos algum tempo se deveríamos incluir ou não esta fórmula no nosso trabalho, mas antes êle peque por excesso, do que por deficiência. É a fórmula empregada pelos soberanos e pelos príncipes da Igreja para afirmarem que, segundo êles pensam, o seu poder lhes vem de Deus.

Entrê nós aparece, em seguida ao nome do Rei, e portanto em geral no anverso das nossas moedas, em tempo de D. Afonso II, e depois em muitas moedas desde D. Fernando até D. Luis I, com excepção das moedas cunhadas nos reinados de D. Manuel¹, D. João III, D. Pedro V, onde não aparece tal fórmula.

Encontra-se escrita em sigla, por extenso, e das mais variadas formas e abreviaturas,—do que damos uma lista a título de curiosidade, mas de modo nenhum sem a ideia de a apresentarmos completa.

D. G.—na maior parte das moedas desde D. Fernando até D. Luis I (*passim*); nas de D. Luis só aparece em algumas cunhagens de moedas de cobre.

D. GRA.—moeda de D. António, prior de Crato (J. J. Becker, tomo II, p. 69, n.º 1209, e A, tomo I, p. 305).

DEI G.—D. Duarte, in rial branco (Carvalho-Schulman 78), moeda da Infanta D. Beatriz, rainha de Castela (A, tomo I, p. 195).

DEI GRA... D. Afonso II, in «double denier, exemplaire unique» (Meili-Schulman 9).—D. Duarte, in ceutil.—D. Fernando, in dobra

¹ Em muitas moedas do reinado de D. Manuel I encontramos as letras D. G., como por exemplo no $\frac{1}{4}$ de *cruzado* de ouro (A 5), onde se lê: + EMANVEL . P . R . P . E T . A . D . G.—As siglas D. G. não querem porem dizer «Dei gratia», mas sim «Dominus Guinee» = Senhor da Guiné, do que nos podemos certificar comparando, por exemplo, essa legenda, que indicámos, com as doutras moedas do mesmo reinado em que vem o «Dominus Guinee» escrito por extenso, v. g., no tostão de prata: IMANVEL R P ET A DNS GVINNEE (A 8), e no *português* de D. João III, onde vem os títulos do rei todos por extenso (A 1).

pé de terra (A 1).—D. João I (A, *passim*).—D. Afonso V, in ceitil (A 25).

DEI GRACIA—D. Duarte, in rial branco (Meili-Schulman 136).

DEI GRACIE—D. Afonso V, in cruzado de ouro (A, tomo 1, p. 237).

DEI GRADIA—D. João I, in rial de bilhão (A 14).

DEI GRAT—João II, in cruzado de ouro (A 1).

DEI GRATIA—D. João IV (A, *passim*).—D. Miguel, cinco réis (A 15), dez réis (A 14).—D. Maria II (A, *passim*).—D. Luís, in moedas de cobre.

GRA DEI—D. Duarte, in ceitil (Santos-Schulman 573).

Bibliografia

Biblia sagrada, António Pereira de Figueiredo, Lisboa 1902.—(Abrev. Figueiredo).

Biblia Sacra vulgatae editionis, Antonii Vitic, Antuérpia 1740.

Catalogo Numismatico Holandês, J. J. Becker.—(Abrev. J. J. Becker).

Chronica de el-rei D. Pedro I na forma que a escreveu Fernão Lopes, ed. de José Pereira Bayam, Lisboa 1760.

Collection Alvaro Araujo Ramos da Bahia, vente chez Schulman, à Amsterdam, 1909.—(Abrev. Araujo-Schulman).

Collection Cyro Augusto de Carvalho, vente chez Schulman, à Amsterdam, 1905.—(Abrev. Carvalho-Schulman).

Collection Joaquim José Judice dos Santos, vente chez Schulman, à Amsterdam, 1906.—(Abrev. Santos-Schulman).

Collection Dr. Jules Meili, à Zürich, vente chez Schulman, à Amsterdam, 1910.—(Abrev. Meili-Schulman).

Concordantiae bibliorum, Antuérpia 1567.

Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis Regentes e Governadores de Portugal, A. C. Teixeira de Aragão, Lisboa 1874.—(Abrev. A).

Dizionario dei motti e leggenda delle monete italiane, G. Donati, 1910.

Europa Portuguesa, Manuel de Faria e Sousa, Lisboa 1680.

Historia Genealogica da Casa Rial Portuguesa, D. António Caetano de Sousa, Lisboa 1746.

Manuel diplomatique, Giry.

Memoria das moedas correntes em Portugal desde os tempos dos romanos até 1856, Lopes Fernandes.

Moedas hispano-cristianas, Heiss.—(Abrev. Heiss).

Noticias de Portugal, Severim de Faria.

JOSÉ LUÍS DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.